

COMPORTAMENTO DISRUPTIVO NO TEA: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA

BONOTTO, J.¹

PINTO, D. S. M.²

RESUMO

O presente artigo retrata as dificuldades apresentadas pelos profissionais que atuam com crianças que possuem o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) a lidarem com os comportamentos disruptivos que ocorrem durante os atendimentos. Tais comportamentos fazem com que as sessões de intervenção sejam prejudicadas devido a conduta inadequada do terapeuta. Dessa forma, o objetivo do presente artigo é abordar as contribuições da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para prevenir esses comportamentos, levando em consideração a individualidade de cada criança. Além disso, visa também orientar os terapeutas na melhor condução para a redução de danos nos casos em que o comportamento disruptivo já está estabelecido. Sendo assim, conclui-se que a ciência ABA dispõe de diversas estratégias para a condução de comportamentos problema, sendo o terapeuta, responsável pela escolha da melhor estratégia de acordo com seu paciente, pois assim obterá um melhor aproveitamento da sessão de intervenção.

Palavras-chave: Comportamento disruptivo. Comunicação. Análise do Comportamento Aplicada. Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

This article describes the difficulties faced by professionals working with children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD) in managing disruptive behaviors that occur during sessions. Such behaviors can hinder intervention sessions due to the therapist's inadequate conduct. Therefore, the aim of this article is to discuss the contributions of Applied Behavior Analysis (ABA) to prevent these behaviors, taking into account each child's individuality. In addition, it also aims to guide therapists on the best approach to harm reduction in cases where disruptive behavior is already established. Therefore, it is concluded that ABA science has several strategies for managing problem behaviors, and the therapist is responsible for choosing the best strategy according to the patient, as this will allow the professional to get the most out of the intervention session.

Keywords: Disruptive behavior. Communication. Applied Behavior Analysis. Autism Spectrum Disorder.

¹ Julia Bonotto. Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana- FAP. Apucarana- PR. 2024. Contato: Jubonotto1@hotmail.com

² Débora Sanitá Malaguido Pinto. Orientadora da pesquisa. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana- FAP. Apucarana- PR. 2024. Contato: debora.malaguido@fap.com.br

INTRODUÇÃO

A Análise do Comportamento Aplicada, mais conhecida como ABA (Applied Behavior Analysis) é uma ciência integrante da Análise do Comportamento, porém, ouve-se muito que ABA é um método ou apenas um tipo de intervenção, entretanto é por meio dela que ocorrem as execuções dos princípios comportamentais a problemas sociais que são relevantes (Sella; Ribeiro, 2018).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem como características a dificuldade de interação social e na comunicação, também comportamentos repetitivos e estereotipados. O Autismo é considerado um Espectro, pois, os sintomas variam muito em cada criança, alguns precisam de mais suporte em seu cotidiano, enquanto outros precisam de menos (Camargo; Rispoli, 2013).

A ciência ABA como intervenção para o Autismo identifica quais habilidades e comportamentos que a criança precisa desenvolver, a partir disso ela estabelece através de métodos sistemáticos objetivos e estratégias. A ABA também faz um acompanhamento dos dados antes, durante e depois do processo de intervenção para acompanhar seu desenvolvimento e verificar se o programa que está sendo aplicado está cumprindo com seu objetivo (Camargo; Rispoli, 2013).

Os comportamentos disruptivos, desafiadores, são comportamentos operantes, o que significa que eles são controlados por suas consequências, eles prejudicam a própria pessoa que o emite, outras pessoas, propriedades ou coisas, e eles são possíveis de diminuir por meio de intervenções analítico comportamentais, alguns exemplos de comportamentos problemas são: choro, birra, agressão e auto agressão (Crus; Moreira, 2021).

É fundamental que terapeutas que atendem crianças com TEA saibam agir nos momentos em que a criança apresenta um comportamento inadequado, para evitar que esses acontecimentos se prolonguem e prejudiquem a aprendizagem da criança. Além de saber manejar esses comportamentos é de extrema importância saber como preveni-los e ter conhecimentos de suas funções, para que eles não aumentem de frequência.

Mais abaixo serão abordadas várias técnicas e maneiras de conduzir as crianças com autismo diante de situações desafiadoras, que comprometam a aprendizagem ao longo da sessão, pois, normalmente as sessões tem duração de 50 min a 1 hora, e deve-se aproveitar o máximo para estimular as crianças, para que elas desenvolvam novas habilidades e possam ter uma vida com mais autonomia.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de cunho descritivo, realizada por meio de uma abordagem bibliográfica, onde os artigos científicos e livros utilizados abordam sobre a ciência ABA, Autismo e comportamento-problema, o intuito é resumir conteúdos científicos já produzidos que abordam o tema proposto. Segundo Gil (2002), "A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos."

A pesquisa foi realizada por meio da base de dados Google Acadêmico (G.A), utilizando como palavras chaves: Análise do Comportamento Aplicada. Autismo. Comportamentos disruptivos. Também foram selecionados livros dos anos de 1974 a 2024, com foco nos últimos 10 anos, com a finalidade de compreender as colaborações da Análise do Comportamento Aplicada no manejo de comportamento-problema.

Ao todo foram selecionadas 15 referências entre livros e artigos científicos, sendo a maioria deles livros de estudos sobre o tema apresentado, que já eram de conhecimento da autora.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Transtorno do Espectro Autista

Quando se fala em autismo, as pessoas rapidamente pensam em crianças isoladas, sem interações sociais que ficam realizando estereotípias, como balançar o corpo e mexer as mãos, todavia, o autismo não é como muitos escutam falar. O Transtorno do Espectro Austista, é considerado um espectro devido a diversidades em seus sintomas e sinais, sendo possível que pessoas com sinais muito distintos recebam o mesmo diagnóstico (Camargo; Rispoli, 2013).

Com relação ao DSM-5 TR (2014), o TEA é considerado um Transtorno do Neurodesenvolvimento, seus critérios diagnósticos consistem em: deficiência na comunicação e interação social, comportamentos limitados e repetitivos, interesses e atividades restritas. Para o diagnóstico, os sintomas citados, devem se manifestar precocemente, ainda na primeira infância, e ter prejuízos significativos para o indivíduo.

A pessoa com TEA tem os primeiros sinais antes mesmo dos 3 anos de idade, e por conta disso os profissionais insistem que os diagnósticos sejam realizados o

quanto antes. Para isso, é necessário estar muito atento aos marcos do desenvolvimento infantil, principalmente da primeira infância, momento em que aparecem os primeiros sinais (Silva; Gaiato; Reveles, 2012).

A habilidade social é a área mais afetada no autismo, pois além de afetar a interação com outras pessoas, ela dificulta o entendimento, a compreensão do outro, impossibilitando que essas pessoas compreendam situações do ambiente em seu cotidiano. A comunicação, seja ela verbal ou não também é uma área afetada, assim como comportamentos inapropriados (Silva; Gaiato ; Reveles, 2012).

Conceitos Básicos da Análise do Comportamento

Para a Análise do Comportamento, o comportamento é a interação que ocorre entre o ambiente e o organismo. Para entender alguns conceitos básicos da Análise do Comportamento é necessário entender os comportamentos respondentes e operantes (Borges e Cassas, 2012).

No comportamento respondente é o estímulo que irá eliciar o comportamento, é ele que produzirá a resposta. Ele é considerado um reflexo, pois na companhia do estímulo tem em torno de 100% de chance de aparecer e sem o estímulo a probabilidade é próxima de 0% (Borges e Cassas, 2012).

O Comportamento Respondente não consegue explicar todos os comportamentos dos indivíduos e para isso existe também o Comportamento Operante, que é mantido por meio de suas consequências. O operante produz consequências, que são alterações no ambiente e é por elas transformado.(Moreira; Medeiros, 2007). Segundo Skinner (1974), a diferença entre Respondente e Operante é que o primeiro não depende da vontade da pessoa, é considerado involuntário, enquanto o segundo está sob o controle da pessoa, sendo então, voluntário.

Quando a consequência aumenta a probabilidade do comportamento ocorrer, ela é chamada de reforço, um exemplo clássico é o da criança que faz "birra" quando quer algo e seus pais atendem o seu desejo, nesse caso as chances da criança fazer "birra" novamente quando desejar algo, é maior do que se os pais não tivessem feito o seu desejo. O reforçador pode ser considerado natural ou arbitrário, no caso da consequência reforçadora ser o resultado do próprio comportamento o reforçador é natural, mas quando a consequência é um resultado indireto do comportamento o reforço é arbitrário, um exemplo seria, a pessoa toca violão e a própria música é reforçador para ela, nesse caso o reforço é natural, no caso da pessoa tocar violão

em um bar em troca de dinheiro, o dinheiro seria o reforçador, sendo então, um reforçador arbitrário (Moreira ; Medeiros , 2007).

De acordo com Moreira e Medeiros (2007), quando um comportamento tem a sua frequência aumentada, outros comportamentos acabam diminuindo a sua frequência. Por exemplo, os pais que desejam que a filha pare de fazer “birra”, podem reforçar outros comportamentos dela, como fazer o que ela deseja quando pedir de forma assertiva, isso fará com que ela entenda que toda vez que pede algo aos seus pais de forma correta ela ganha o que quer e conseqüentemente o comportamento de “birra” aparecerá menos vezes no repertório da criança.

O reforço pode ser considerado positivo e negativo, mas isso não está relacionado com ser bom ou ruim. No caso dele ser positivo é quando algo é acrescentado à resposta e negativo quando é retirado algo aversivo da resposta.(Borges e Cassas, 2012). O reforço negativo, assim como a punição positiva e negativa, que será abordado mais adiante, são conseqüências que estão sob controle aversivo, pois diferente do reforço positivo que o objetivo é acrescentar algo prazeroso para o indivíduo, o reforço negativo e a punição buscam se livrar de algo ou evitar que algo ocorra (Moreira ; Medeiros , 2007).

O objetivo da punição é retirar um comportamento indesejado de um repertório, a punição assim como o reforço pode ser positiva ou negativa. Na punição positiva um estímulo aversivo é adicionado, diminuindo a probabilidade do comportamento ocorrer novamente, já na punição negativa o reforçador é retirado, também diminuindo a probabilidade do comportamento ocorrer novamente (Moreira ; Medeiros , 2007).

De acordo com Borges e Cassas (2012), outro procedimento utilizado é a extinção que consiste em não reforçar um comportamento que anteriormente era reforçado, enfraquecendo-o. A extinção é muito utilizada para interferir em comportamentos problemas, porém, ao utilizá-la, em um primeiro momento o comportamento tende a aumentar de frequência, depois ocorre uma variação no padrão da resposta, em seguida são observadas respostas agressivas e só então o comportamento problema é enfraquecido.

Estratégias para diminuir a frequência de Comportamentos inadequados

Os comportamentos inadequados influenciam diretamente na aprendizagem da criança com TEA, esses comportamentos muitas vezes são invalidados por adultos, que os consideram como frescura, porém devido a dificuldade com a comunicação,

de demonstrar seus sentimentos e pensamentos, essa é uma maneira da criança se comunicar, expressando sua aflição. Enquanto a criança é pequena é mais simples lidar com esses comportamentos disruptivos, porém, essa criança irá crescer e isso se tornará cada vez mais desafiador, com isso, nota-se a necessidade de tratar esses comportamentos o quanto antes (Gaiato, 2022).

As pessoas estão muito acostumadas a darem atenção para as crianças em momentos de birra, sendo eles, choro, agressão e gritos, porém quando a criança não está emitindo esses comportamentos não costuma-se reforçá-los, apenas observar, fazendo com que tão somente os comportamento inadequados sejam reforçados (Gaiato; Teixeira, 2018).

De acordo com Stravogiannis (2021), o primeiro passo para que os comportamentos problemas diminuam é entender qual a sua função, qual é o objetivo da criança com aquele comportamento e para isso é preciso realizar a Análise Funcional, que consiste em analisar o antecedente, o que aconteceu com a criança imediatamente antes dela emitir o comportamento inadequado, também é preciso identificar o comportamento, a resposta da criança a partir do antecedente e por último identificar a consequência, o que acontece com a criança logo após ela emitir o comportamento disruptivo e dependendo da consequência que é dada, aumenta ou diminui a frequência do comportamento ocorrer.

As possíveis consequências que aumentam a frequência do comportamento são: reforço positivo, que consiste em dar atenção ou fazer o que a criança estava pedindo no momento que emitia o comportamento problema, reforço negativo, que consiste em tirar algo aversivo para a criança enquanto fazia birra e reforço automático quando a criança realiza um comportamento estereotipado visando satisfazer as suas próprias necessidades (Stravogiannis, 2021).

Gaiato (2022) aponta que quando o comportamento problema já faz parte do repertório da criança e não é possível preveni-lo a alternativa é a redução de danos, realizando o processo de extinção que consiste em retirar o reforçador que estava mantendo aquele comportamento, ou seja, deixar de fazer a vontade da criança, como por exemplo, entregar algo do interesse dela, dar atenção, ou até mesmo tirá-la do ambiente em que está, lembrando que na extinção, em um primeiro momento a resposta irá aumentar de frequência, e somente depois ela começará a diminuir até ser extinta. Outra maneira de lidar com esses comportamentos é realizando o Reforçamento Diferencial, que trata-se de reforçar outra resposta emitida, que não

seja o comportamento problema.

De maneira prática, é possível seguir um passo a passo para realizar o manejo desses comportamentos indesejados. É preciso aumentar o repertório da criança, pois ela pode estar agindo de maneira disruptiva pois é a única maneira que ela sabe lidar com a situação, para isso o terapeuta pode ser modelo de como a criança pode se comportar nessas situações. O terapeuta deve também impedir que a criança erre, direcionando-a para dar uma resposta assertiva, mesmo que seja necessário ajuda física total e por último sempre que a resposta adequada for emitida ela deve ser reforçada, para que aumente as chances desse comportamento ocorrer novamente (Gaiato, 2022).

Aumento da frequência de Comportamentos Disruptivos

Muitos dos comportamentos inadequados emitidos pelas crianças com TEA ocorrem devido a dificuldade por eles enfrentada de se comunicar por meio da linguagem oral, o que acaba por dificultar a satisfação de seus desejos e de suas necessidades. Devido a esse obstáculo eles aprendem a utilizar o comportamento problema como comunicação. Por exemplo, uma criança com TEA que possui dificuldade na interação social, não gosta de participar de atividades em grupos, que envolvem diversas crianças, porém ela não consegue se comunicar verbalmente, então visando sair do ambiente em que se encontra ela passa a emitir comportamentos inadequados, como gritar e bater nas crianças, com isso, algum adulto entende que ela deseja sair daquele local e a retira, levando-a a um lugar afastado das outras crianças. A partir disso a criança aprende que quando desejar sair de uma situação, ela pode aderir um comportamento disruptivo. Então, o comportamento problema torna-se eficaz na comunicação funcional, pois é reforçado pelo ambiente em que a criança está inserida (Sella; Ribeiro, 2018).

Os comportamentos inadequados, podem aumentar ou diminuir a sua frequência, isso irá depender do que é realizado após o comportamento ocorrer. Em casos de crianças com autismo o que mantém esse comportamento são: estimulação sensorial, atenção, obtenção do item e fuga/esquiva.(Crus; Moreira, 2021). Na concepção de Crus e Moreira (2021), “O termo função do comportamento é utilizado para indicar qual aspecto do ambiente da pessoa está fazendo com que a pessoa continue emitindo um determinado comportamento”.

Um das funções do comportamento é obter atenção, isso ocorre quando,

através de um comportamento inadequado da criança, como por exemplo falar palavrão, a criança ganha a atenção de alguém, quando um indivíduo ri do que ela falou ou até mesmo quando recebe uma bronca, a bronca também pode ser uma forma da criança receber atenção (Crus; Moreira, 2021).

Outra função do comportamento é a obtenção de itens, em que o reforçador é a criança ganhar o que deseja, seja um objeto, um brinquedo, uma comida ou uma bebida. Um exemplo clássico é quando a criança está fazendo birra, chorando e gritando, pois quer um brinquedo e os pais ao identificarem o que ela deseja entregam o objeto, fazendo com que o comportamento de fazer birra quando desejar algo aumente de frequência (Crus; Moreira, 2021).

A fuga tem como função se livrar de algo aversivo, seja uma situação ou um objeto. Quando a criança chora por não querer fazer a tarefa de casa e os pais perdem a paciência, com isso deixam ela não fazer a atividade é um exemplo de fuga, no qual a criança teve seu desejo satisfeito, não realizar a tarefa e para isso usou um comportamento inadequado, o choro, como fuga da atividade, enquanto o reforçador foi se livrar da atividade (Crus; Moreira, 2021).

No parecer de Crus e Moreira (2021), o comportamento pode também não depender de outras pessoas para serem reforçados, o próprio comportamento pode ser reforçador para a criança, o que é chamado de reforçamento automático, como é o caso das estereotípias, por exemplo, em que o próprio movimento que a criança realiza, seja movimentar o corpo para frente e para trás, seja agitar as mãos, entre outros, é o próprio reforçador.

Para que a função do comportamento seja descoberta é necessário realizar a análise funcional, identificando quais consequências estão mantendo o comportamento disruptivo, para isso é preciso observar as crianças em diversos ambientes (Crus; Moreira, 2021).

Prevenção de comportamentos inadequados

As crianças com autismo apresentam dificuldade na comunicação social e na flexibilidade mental, com isso, possuem dificuldade de entender regras e expressar seus sentimentos e pensamentos, isso pode ocorrer devido à falta de contato visual, a dificuldade de interagir com outras pessoas, de manter um diálogo, dificuldade de se colocar no lugar do outro, de negociar circunstâncias e também por entenderem o que os outros falam de forma literal, exata. (Gaiato; Teixeira, 2018). De acordo com os autores, é muito importante estudar e entender sobre o autismo para que algumas

técnicas possam ser usadas, pois a melhor alternativa é sempre prevenir o comportamento inadequado.

Existem diversas técnicas e maneiras de prevenir um comportamento problema, e uma delas é por meio do uso de rotinas com figuras. As crianças autistas também fazem planejamento do que fazer no dia a dia, porém, muitas vezes as coisas não acontecem conforme elas planejam e isso pode gerar uma desregulação emocional, fazendo com que a criança use de comportamento disruptivo para conseguir o que deseja ou para mostrar sua frustração com o que está acontecendo. Fazer o uso de rotinas visuais é uma ótima alternativa para dar previsibilidade para a criança do que irá ocorrer, ajudando-a a aceitar as atividades (Paese, 2023).

Outra maneira de prevenir um comportamento inadequado é antecipando para a criança o que irá acontecer, a rotina visual é uma ótima alternativa como já dito anteriormente, porém, caso ocorra qualquer imprevisto é fundamental avisar a criança. Para isso o terapeuta pode abaixar na altura da criança e explicar o que aconteceu, se isso for realizado juntamente com o uso de figuras, irá facilitar que a criança compreenda (Su et al., 2023).

As crianças com TEA podem se desregular devido a questões sensoriais e uma forma de evitar que isso ocorra é diminuir os estímulos do ambiente, como, barulho, luzes ou até mesmo muito estímulo visual, fazendo com que a criança se sinta bem no ambiente, evitando a ocorrência de comportamentos disruptivos (Paese, 2023).

Na concepção Paese (2023), muitas vezes é falado para a criança o que ela não deve fazer, quais são seus comportamentos inadequados, entretanto, a criança em muitos momentos não sabe que ela deve, ou pode fazer, em vista disso é importante deixar claro o que a criança deve fazer, isso pode ser realizado também com ajuda de imagens para facilitar o entendimento da criança.

Outro recurso que pode ser usado para ajudar a prevenir um comportamento inadequado são as histórias sociais, que consistem em uma explicação simples e breve sobre o que a criança pode ou não fazer, o objetivo é ensinar regras sociais, usando pistas visuais e descrições verbais, pois crianças autistas possuem dificuldades em entender quais comportamentos são esperados dela. Essa técnica é muito usada em crianças com TEA, pois ajuda a diminuir a ansiedade e proporciona a construção de repertórios comportamentais. Um exemplo de história social seria: Não pode bater quando ficar bravo, e junto colocar um desenho que represente essa fala. Esse recurso é muito usado, pois é simples de fazer e fácil de ser aplicado

(Lazzarini; Elias , 2022).

O painel de antes e depois também é uma excelente alternativa, ele pode ser executado em uma folha de papel, no qual, de um lado ficará colado uma imagem do que a criança precisa fazer, que corresponde ao antes, e do outro lado uma imagem do que a criança irá ganhar depois que realizar, que corresponde ao depois. É uma técnica simples e fácil de ser realizada e pode contribuir para que comportamentos inadequados sejam evitados (Gaiato; Teixeira, 2018).

O terapeuta pode também fazer o uso de cronômetro, quando a criança estiver muito engajada em uma atividade ou brincadeira, isso pode ajudá-la a ter uma previsibilidade do tempo que ainda tem para continuar na atividade. É importante que nesse cronômetro a criança consiga visualizar a passagem do tempo, evitando que a mesma fique angustiada quando a atividade é interrompida de forma repentina (Su et al., 2023).

Realizar aproximações sucessivas também é uma alternativa para prevenir que comportamentos problema ocorram. No caso da criança que não deixa o terapeuta ou os amigos pegarem a boneca dela, o terapeuta pode realizar aproximações sucessivas para que gradativamente rompa com a rigidez cognitiva. O terapeuta deve começar encostando bem rapidamente na boneca, em outro dia deve encostar e acariciar o cabelo da boneca e mais adiante, em outro dia, associar um brinquedo com a participação da boneca e assim por diante (Gaiato; Teixeira, 2018).

Mais um recurso muito comum e eficaz em prevenção de comportamentos inadequados é a tabela de pontos, que consiste em uma tabela com comportamento específico, no qual, todas as vezes que a criança realizar esse comportamento, como por exemplo, guardar os brinquedos, ela irá ganhar um adesivo, uma estrela, ou algo de seu interesse e quando ela juntar 10 pontos poderá trocar por uma recompensa, recomenda-se que a recompensa seja algo social, como ir ao parque com a família. É importante deixar a tabela em um local de fácil acesso para que sempre que o comportamento ocorrer a criança tenha acesso a uma ficha (Su et al., 2023).

O contrato costuma ser usado com crianças maiores, que já possuem o domínio da leitura e escrita, nele deve conter todos os combinados realizados com a criança, desde coisas que ele pode, até coisas que não pode fazer, deixando sempre claro os comportamentos que devem ser executados, isso irá evitar que a criança fique questionando e querendo mudar as regras que costumam ser ditas apenas verbalmente (Gaiato; Teixeira, 2018).

E para finalizar, mais uma técnica que pode evitar comportamentos disruptivos é diminuir o divertimento. Quando a criança precisa realizar a transição de uma brincadeira para uma atividade, ou para ir embora, pode ser um momento desafiador, em que a criança se nega a guardar os brinquedos, chora, e assim por diante, para que isso não ocorra é possível ir tornando a brincadeira cada vez menos legal, para que aos poucos ela vá perdendo o interesse, podendo guardar algumas peças ou alguns itens que estão sendo usados na brincadeira. O adulto pode mostrar-se menos empolgado e até mesmo cantar uma música de guardar. Isso irá facilitar a transição da atividade ou o encerramento da mesma (Gaiato; Teixeira, 2018).

CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou conceituar os termos fundamentais da ciência ABA, mas a sua prioridade foi abranger técnicas cientificamente comprovadas de prevenção e manejo de comportamentos inadequados, buscando apoiar-se nas teorias da Análise do Comportamento Aplicada, uma ciência eficaz no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

Foi possível verificar as diversas técnicas existentes para prevenir que um comportamento inadequado seja emitido, entretanto, muitas crianças já possuem comportamentos problemas instalados em seu repertório, sendo também possível manejá-los, visando que diminuam a sua frequência.

As estratégias apresentadas pela autora, como forma de prevenção de comportamento inadequado e as técnicas para seu manejo estão de acordo com o seu objetivo, de trazer conhecimentos da Análise do Comportamento Aplicada para terapeutas usufruírem com seus pacientes com TEA, que apresentam comportamentos disruptivos, objetivando maiores ganhos para seu paciente durante o atendimento.

Dessa forma foi esclarecido alguns pontos cruciais para que o terapeuta, conhecendo a criança, use do melhor procedimento para beneficiá-lo, visando o maior

aproveitamento da sessão para a aquisição de novas habilidades, aumentando assim, o repertório da criança, para que ela tenha mais autonomia em seu dia a dia.

REFERÊNCIAS

ASSOCIATION, American Psychiatric. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**TR. 5. ed. rev. e atual. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992 p.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; RISPOLI, Mandy. **Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos**. ABA; Autismo; Intervenção, Revista Educação Especial, v. 26, p. 639-650, 28 maio 2013. Disponível em: . Acesso em: 27 abr. 2024.

CRUS, Aline Ellen Alves Queiros; MOREIRA , Márcio Borges. **Autismo: estratégias científicas para lidar com comportamentos desafiadores**. 1. ed. Revista Educação Especial: Instituto Walden4, 2021. 183 p. Disponível em: https://play.google.com/store/books/details?id=GBUZEAAAQBAJ&rdid=bookGBUZEAAAQBAJ&rdot=1&source=gbs_vpt_read&pcampaignid=books_booksearch_viewport. Acesso em: 27 abr. 2024.

GAIATO, Mayra. **Cérebro Singular: Como estimular crianças no Espectro Autista ou com atrasos no desenvolvimento**. 1. ed. São Paulo: Nversos, 2022. cap. Manejos de comportamentos inadequados, p. 158-170.

GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. **O Rezinho Autista Guia para lidar com comportamentos difíceis**. 7. ed. rev. [S. I.]: Nversos, 2018. 108 p.

LAZZARINI, Fernanda Squassoni; ELIAS , Nassim Chamel. **História Social e Autismo: uma Revisão de Literatura**. Corumbá, v. 28, p. 349-364, 2022.

LIMA, Luciana Garcia. **Gerenciamento de Comportamentos Disruptivos no Transtorno do Espectro do Autismo**. In: STRAVOGIANNIS, Andrea Lorena. Autismo um olhar por inteiro. São Paulo: Literare Books International, 2021. 336 p.

MOREIRA , Márcio Borges; MEDEIROS , Carlos Augusto. **Princípios Básicos de Análise do Comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 221 p.

PAESE , Silmara Kely Bertolomeu. **Comportamentos inapropriados no Transtorno do Espetro Autista: Causas, manejo e intervenção**. Orientador: Prof. Dr. Paulo Dias. 2023. 52 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Rondônia, Rolim de Moura, 2023.

PESSÔA, Candido; VELASCO, Saulo. Comportamento Operante. In: BORGES, Nicodemos Batista; CASSAS, Fernando Albregard (Orgs.). **Clínica analítico comportamental**. 2. ed. [S. I.]: Artmed, 2012.

SELLA, Ana Carolina; RIBEIRO , Daniela Mendonça. **Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018. 321 p.20

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002.

SILVA , Ana Beatiz Barbosa; GAIATO , Mayra Bonifacio; REVELES , Leandro Thadeu. **Mundo Singular entenda o autismo**. [S. l.]: Fontanar, 2012. 131 p.

SU, Karina Wanyon et al. **Transtorno do espectro autista: lidando com os comportamentos problema: um guia para pais e cuidadores**. Recife, p. 1-61, 2023.

SKINNER , Burrhus Frederic, 1904-1990 . **Sobre o Behaviorismo**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. 216 p. v. 5.